

VIOLÊNCIA E BULLYING NA ESCOLA: UMA CONVERSA ENTRE ACADÊMICOS E ADOLESCENTES

Poliana Carla Batista de Araújo¹ Mário Hélio Antunes Pamplona² Wagner Maciel Sarmento³
Claúdia Maria Fernandes⁴

¹ Acadêmica de Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande, polianacarlaba@gmail.com (autor)

² Acadêmico de Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande, mario-helio@gmail.com (co-autor)

³ Acadêmico de Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande, waguinho_braga@hotmail.com (co-autor)

⁴ Enfermeira. Docente da Universidade Federal de Campina Grande (UFCCG)/ Centro de Formação de Professores, claudiaalegriaf@yahoo.com.br (orientadora)

RESUMO: A violência é um evento que ocorre de maneira constante em nosso país que causa inúmeras consequências principalmente entre os jovens, sendo considerado um problema de saúde pública. A violência escolar é demonstrada por meio de indisciplina, agressões e ofensas, sendo presente neste ambiente o bullying, que consiste na violência física ou psicológica praticada de forma individualizada ou em grupos com o intuito de denegrir e prejudicar o outro, geralmente uma pessoa mais vulnerável. A problemática da violência atinge todos os públicos em geral, sendo de abordagem necessária para todas as faixas etárias, em especial com os adolescentes no ambiente escolar, devido a alta incidência de casos. No combate à estes eventos, o enfermeiro assume um importante papel na sensibilização dos indivíduos, família e comunidade permitindo uma identificação precoce dos fatores de risco e atos ligados à violência. Objetivou-se relatar a experiência dos acadêmicos do curso de graduação em enfermagem acerca da abordagem sobre a violência entre adolescentes em um Centro de Atenção Integral a Crianças e Adolescentes no alto sertão paraibano. Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, realizado pelos acadêmicos do curso de enfermagem de uma universidade pública durante uma aula prática da disciplina enfermagem em saúde da criança e do adolescente. Foi realizada uma abordagem sobre os diversos tipos de violência, com ênfase no bullying, por meio de uma conversa interativa, sendo esta discussão complementada por meio de um jogo educativo e os conhecimentos expressados em uma cartolina. Foi notório, durante a atividade, que os participantes mostraram grande interesse sobre o assunto e participando de forma ativa, fazendo comentários, expressando seus conhecimentos prévios e relatando que o bullying estava presente no cotidiano na escola, sendo um evento que acontecia com indivíduos que eram considerados diferentes perante os agressores, dessa forma, observa-se que o preconceito apresenta-se como um fator gerador de violência destes ambientes. O perigo e a gravidade destes acontecimentos foram enfatizados a fim de sensibilizar os adolescentes sobre as consequências geradas, abordando medidas e ações de prevenção e combate além do problema do bullying, o cyberbullying. . Após a discussão do tema, foi proposto um jogo de perguntas com intuito de mensurar os conhecimentos e realizar um momento lúdico e a expressão de conhecimento na

cartolina, com finalidade de proporcionar uma construção coletiva do saber. Conclui-se que essa temática sobre o bullying necessita de uma abordagem mais ampla, devido sua alta frequência no ambiente escolar, sendo importante um posicionamento do profissional enfermeiro frente à realização ações de educação em saúde com adolescentes a respeito da violência.

Descritores: “Violência”; “Educação em saúde”; “Enfermagem”.

INTRODUÇÃO

A violência sempre foi uma problemática vivenciada em nosso país, e inerente à mesma existe uma série de fatores influenciadores e de consequências geradas que fazem com que seja considerada como um problema de saúde pública, sendo no ambiente escolar uma questão muito presente, principalmente entre os adolescentes.

A violência escolar é caracterizada, principalmente, por indisciplina manifestada através de xingamentos e desobediência, além de ofensas e agressões, e apresenta-se tanto entre alunos, quanto afetando a relação alunos-funcionários, sendo este fato muitas vezes banalizado por ocorrer de forma rotineira (NETTO et al., 2012).

O bullying é reconhecido como qualquer tipo de violência física/psicológica, que ocorre de maneira intencional e continuamente, desempenhada por indivíduo isolado ou grupos, sem motivo aparente. Refere-se a um comportamento insultoso e amedontrador, bastante evidente nas escolas (INÁCIA; OLIVEIRA, 2014). Segundo Campos; Jorge, (2010) o bullying quando praticado em âmbito escolar, ocasiona dificuldades no aprendizado, aplicação nos estudos e em todo espaço educativo.

Diante da complexidade e multicausalidade dessa problemática, para que haja a construção de um ambiente escolar com poder resolutivo sobre esse tema, faz-se necessário a atuação de toda a sociedade, principalmente com a inclusão da família nesse processo, visto que a violência deve ser compreendida no ambiente sociocultural e psicológico dos indivíduos (ROSA, 2010).

A problemática da violência atinge todos os indivíduos, sejam crianças, adolescentes ou idosos (SOUSA; DAMASCENO; BORGES, 2016). E por isso existe a necessidade de trabalhar essa temática em todos os âmbitos e faixas etárias, por exemplo, na escola com os adolescentes com o intuito de combatê-la. MENDES (2010), destaca a importância do enfermeiro frente a esse objetivo, em virtude da relação desses profissionais com criança/adolescente família e comunidade, possibilitando-os identificar precocemente esses atos e fatores de risco.

O relacionamento interpessoal entre as crianças e adolescentes dentro do ambiente escolar podem influenciar em seus desenvolvimentos saudáveis (SAMPAIO et al., 2015). Desse modo, a

violência na escola pode repercutir negativamente na saúde e qualidade de vida das crianças e adolescentes, sendo este um evento muito frequente e de alta incidência (MENDES, 2010).

Ante ao exposto, os profissionais de saúde precisam atuar frente a essa problemática, com o intuito de intervir e combater a violência nas escolas, visto os prejuízos que esta acarreta à saúde dos indivíduos, dessa forma, objetivou-se relatar a experiência dos acadêmicos do curso de graduação em enfermagem acerca da abordagem sobre a violência junto aos adolescentes em uma escola do alto sertão paraibano.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, de acadêmicos do curso de graduação em enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), durante uma aula prática da disciplina enfermagem em saúde da criança e adolescentes em um centro de atenção integral a saúde da criança e adolescente (CAIC) de uma cidade do alto sertão paraibano.

Foram realizadas atividades educativas, por todos os discentes da disciplina, junto aos estudantes adolescentes, para a abordagem de diversos temas relacionados à saúde, entre eles a violência. O público alvo era amplo, portanto houve a necessidade de serem divididos em grupos para que a temática fosse tratada adequadamente. Dessa forma, participaram da atividade a docente da disciplina, vinte e quatro (24) discentes distribuídos em 04 (grupos); 50 alunos adolescentes e 03 (três) professoras do CAIC.

Durante a ação foi abordado os diversos tipos de violência, como: física, psicológica, sexual, doméstica, moral, virtual, e bullying, para o qual foi dado ênfase por ser considerado a de maior frequência entre os adolescentes no ambiente escolar, dessa forma, por meio de uma conversa entre os envolvidos, onde os acadêmicos norteavam a discussão e os adolescentes expressavam os seus saberes prévios e suas vivências, foi possível discorrer sobre o assunto. A discussão era complementada por meio de um jogo educativo e os conhecimentos expressados em uma cartolina.

A aplicação do jogo educativo foi uma estratégia para a efetividade da abordagem, em virtude do público alvo ser visualizado como indivíduos inquietos e questionadores. O jogo era do tipo tabuleiro, confeccionado em cartolina pelos acadêmicos, cujo objetivo era resgatar através do lúdico o conhecimento dos alunos sobre as diversas formas de violência, em especial o bullying, como também deduzir através de seus relatos se já foram vítimas de algumas destas. Foi um momento ímpar com discussões enriquecedoras.

Para realizar o jogo educativo, os adolescentes dividiam-se em duplas e frente ao tabuleiro escolhiam uma cor, após isso eram sorteadas perguntas a respeito do tema e os mesmos respondiam com o objetivo de chegarem ao final e vencer o jogo. Por fim, na cartolina pediu-se para escrever o primeiro pensamento sobre violência, onde eles expressaram seus conhecimentos escrevendo alguns dos tipos de violência e sentimentos frente ao assunto.

Para a realização do compartilhamento de informações por meio da conversa e para aplicabilidade do jogo, os alunos foram divididos em grupos de 10(dez), tendo como facilitadores os acadêmicos da UFCG.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A violência pode ser determinada conforme sua ação como violência de natureza física, sexual, psicológica, financeira, moral entre outras (SOUSA; DAMASCENO; BORGES, 2016). Durante a atividade, os participantes mostraram grande interesse sobre o assunto e participaram de forma ativa frente aos questionamentos, além disso, percebeu-se que os adolescentes possuíam conhecimentos prévios sobre estes tipos de violência, identificados a partir da expressão de seus comentários nas cartolinas e pela desenvoltura durante a aplicação do jogo, com destaque para o bullying.

O bullying caracteriza-se por eventos agressivos no âmbito escolar, sejam físicos ou psicológicos; De início é uma atitude vista como brincadeira por alguns jovens, porém, existe na verdade, o intuito de magoar, denegrir a imagem, perseguir e até mesmo espancar determinada vítima (ROSA, 2010).

Durante a discussão os adolescentes discorreram sobre essa temática, enfatizando que este evento ocorre de forma corriqueira no ambiente escolar, e a partir da expressão de suas vivências pode-se identificar que naquele ambiente existia pessoas que sofriam e praticavam o bullying. Além disso, um aspecto marcante na fala dos mesmos foi o fato do evento acontecer principalmente com indivíduos que eram considerados diferentes perante os agressores.

De fato, as desigualdades são consideradas o ponto de início para originar as violências, pois as diferenças de raças, costumes, culturas ou quaisquer hábitos considerados fora dos padrões considerados como normais pela sociedade são fatores que podem estimular a execução de atitudes violentas (SOUZA, 2012). Estes acontecimentos reafirmam a necessidade de progresso na sociedade contemporânea, enfatizando o combate ao preconceito, visto que este é um dos maiores causadores de violência e traz consigo inúmeros prejuízos para a comunidade.

A violência no ambiente escolar, apresentando-se por meio do bullying, faz com que as crianças e adolescentes se exponham a condições vulneráveis, sendo um indicador para comportamentos agressivos que vão além da escola, como porte de armas, violência nas ruas e outras lesões (OLIVEIRA et al., 2017). Frente a isso, os adolescentes se posicionaram relatando que a agressão ocasionada pelo bullying, mesmo aparentando ser algo sem gravidade para os adolescentes, pode tornar-se perigoso visto que faz com que o adolescente adquira características violentas perante a sociedade, prejudicando a si mesmo e aos demais.

O bullying, com todo o avanço tecnológico, ampliou-se para as redes de comunicação utilizadas por grande parte da população, em especial os adolescentes, cotidianamente, sendo denominado o cyberbullying, que muitas vezes, por ser uma agressão ocasionada mediante os meios eletrônicos, se torna de difícil identificação do agressor (MATTOS et al., 2011). Durante a ação, também foi debatido sobre esse tema cujo tópico alguns adolescentes referiam conhecimento, inclusive relatando experiências vivenciadas, enquanto que outros não sabiam do que se tratava.

Os adolescentes puderam relatar medidas de ações para prevenir, combater e se posicionar perante as agressões do bullying, demonstrando que a melhor maneira de agir frente a esses casos não consiste em revidar, pois os mesmos identificaram que violência gera violência, sendo assim não se tem resultado ao combater atos agressivos da mesma forma, bem como agir com uma boa convivência, evitando ações que possam prejudicar ao próximo.

O jogo educativo e a expressão de conhecimento na cartolina foram utilizados como metodologias complementares à discussão. O jogo foi construído pelos próprios acadêmicos, e tinha o intuito de externar os saberes prévios e mensurar o conhecimento após a conversa, além disso, os adolescentes puderam fazer questionamentos e retirar dúvida. Este momento lúdico permitiu que houvesse o compartilhamento de saberes entre os envolvidos e buscou-se sensibilizar os adolescentes acerca do assunto.

Ao externarem seus conhecimentos na cartolina foi possível perceber que os alunos conheciam o quão prejudicial é a violência e o quanto ela está presente na escola, bem como nos mais variados ambientes, e expressões como “bullying na escola”, “violência sexual”, “violência doméstica”, “bater” e “medo”, havendo repetições em algumas destas, principalmente em relação ao bullying.

Além da violência em âmbito escolar, é importante ressaltar que esse problema também ocorre fora deste espaço, envolvendo todo um entorno social (FERREIRA; NEVES, 2016).

Sugerindo que os comportamentos agressivos de adolescentes podem ser reflexos do ambiente que estão inseridos.

O ambiente escolar se apresenta como importante espaço para permitir à educação dos jovens diante deste problema, portanto, existe a necessidade de abordagem sobre esta temática, principalmente no intuito de sensibilizar crianças e adolescentes buscando minimizar os casos de violência nas escolas a partir da prevenção de comportamentos agressivos. O empoderamento do sujeito, sobre assuntos deste tipo, permite que os mesmos possam identificar de forma precoce os casos de violência, bem como evitar que estes aconteçam.

A abordagem desta temática na ação propiciou aos jovens um momento de reflexão acerca da problemática que os rodeia, pois apesar de demonstrarem conhecimentos sobre o bullying e suas consequências ainda observavam a gravidade deste tipo de violência de maneira distante e negligenciada, sendo assim, a ação serviu como um choque de realidade, mesmo partindo de um diálogo interativo e descontraído, houve um impacto com seriedade sobre os estudantes.

À medida que os adolescentes expressavam suas opiniões, os acadêmicos mediavam a conversa no intuito de reverter ideias erradas sobre a violência, enfatizando a seriedade e gravidade deste problema com o objetivo de sensibiliza-los perante as consequências negativas acarretadas por esta prática, dessa forma são possíveis adotarem comportamentos adequados frente aos episódios de violência seja dentro ou fora do ambiente escolar.

Sendo assim, ações educativas que proporcionem aos envolvidos um pensamento crítico reflexivo a respeito do tema, principalmente com adolescentes, favorece uma repercussão de atitudes corretas perante a comunidade.

O enfermeiro deve assumir o seu papel de educador frente esta temática, demonstrando-se ciente sobre seu compromisso pessoal e profissional perante a sociedade e atuando ativamente junto com os demais envolvidos, por meio de ações mediadoras para um processo de organização e diálogo familiar e intervenções no espaço escolar e na comunidade (DALCIN et al., 2016).

Dessa forma, o enfermeiro deve buscar no desenvolver destas atividades a identificação de sinais sugestivos de agressores ou vítimas de violência, como comportamentos fora do habitual, isolamento e irritação, buscando identificar os efeitos causados pela violência e agir sobre os mesmos (GALINDO et al, 2017).

A enfermagem é capaz de dialogar com as necessidades dos sujeitos, seja no contexto individual ou coletivo. Ela também é capaz de estabelecer o cuidar numa abordagem epistemológica

comprometida com a ética, com o verdadeiro encontro relacional entre quem cuida e quem é cuidado, (MISHIMA, et al., 2009; SILVA, 2012).

É necessário um trabalho articulado e conjugado na atenção básica em saúde, com o desenvolvimento de competências, na construção de habilidades envolvidas em áreas afins como a educação, assistência social, psicologia. Esses pares precisam ser trabalhados em seu contexto integral, que a escola possa ser um espaço de saberes e práticas construtivas estabelecendo possibilidades de atuação conjunta na minimização e prevenção do bullying.

CONCLUSÃO

Conclui-se que a violência é um tema bastante presente na sociedade contemporânea, inclusive nas escolas, sendo percebido, a partir dos discursos dos adolescentes, que a escola onde foi realizada a atividade também se apresentava como espaço de violência e bullying. Sendo assim, faz-se necessário uma maior abordagem sobre essa problemática nestes ambientes, tendo em vista a ampla ocorrência desses atos entre as crianças e adolescentes.

Entende-se que a violência na escola acarreta inúmeros prejuízos à vítima, repercutindo negativamente em sua saúde e qualidade de vida, dessa forma, os profissionais de saúde, gestores, membros da escola e comunidade, devem atuar juntos na prevenção e combate a esta prática.

Nessa perspectiva, sugerimos que a temática em questão seja trabalhada com mais frequência entre as crianças e adolescentes no ambiente escolar, com o intuito de sensibilizar os agressores, avaliar os fatores de risco, prevenir e identificar os casos precocemente e, a partir disso, intervir de forma efetiva e eficaz.

É importante que este assunto seja trabalhado também na atenção básica, com ações de promoção a saúde e identificação de sinais e sintomas de violência, com envolvimento de alunos, educadores e as famílias. Diante desse contexto, o enfermeiro tem papel importante e desafiador, pois o mesmo, juntamente com a equipe multiprofissional, deve desenvolver ações de educação em saúde visando uma intervenção perante os casos e prevenção das práticas de violência escolar, enfatizando o bullying.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, H.R.; JORGE, S.D.C. Violência na escola: uma reflexão sobre o bullying e a prática educativa. **Em Aberto**, v. 23, n. 83, p. 107-128, 2010.

DALCIN, B.C. et al. Fatores associados à violência em escolares: ampliando saberes e práticas para a enfermagem. **Texto Contexto Enferm**, v.25, n.4, p. 1-10, 2016.

FERREIRA, HM; NEVES, MADX. Infância, violência na escola: diálogos e contextos. **Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE**, v.2, n.9, p. 44-73, 2016.

GALINDO, D.A.L. Violência infanto-juvenil sob a ótica da enfermagem. **J Nurs UFPE on line**. v.11, n.3, p.1420-1429, 2017.

INÁCIA, M.; OLIVEIRA, T.A.C. Bullying na escola. **Revista dos Alunos de Educação Física Faculdades Network–Revista da Faculdade de Educação Física**. v. 3, n.1 p. 89, 2014.

MATOS, A. et al. Agir contra o Cyberbullying – Manual de Formação, 2011

MENDES, C.S. Prevenção da violência escolar: avaliação de um programa de intervenção. **RevEscEnferm USP**. v. 45, n. 3, p. 581-588. 2011.

MISHIMA, S.M. et al. Maria Cecília Puntel de Almeida: a trajetória de uma protagonista da enfermagem brasileira. **Texto Contexto Enferm**, v.18, n.4, p. 773-780, 2009.

NETTO, L. et al. Experiências e especificidades da violência escolar na percepção de funcionários de uma escola pública. **RevEnferm UFSM** v.2, n.3, p. 591-600, 2012.

OLIVEIRA, C.E. et al. Violência Escolar No Brasil: Desafios Em Curso Na Educação Do Século XXI. **Investigação Qualitativa em Educação**.v. 1, p. 1844-1855, 2017.

ROSA, M.J.A. Violência no ambiente escolar: refletindo sobre as consequências para o processo ensino aprendizagem, **Revista Fórum Identidades**. v.8, n.4, p. 143-158, 2010.

SAMPAIO, J.M.C. et al. prevalência de bullying e emoções de estudantes envolvidos. **Texto Contexto Enferm**.v. 24, n. 2, p. 344-352. 2015.

SILVA, M.J.P. Ciência da Enfermagem. **Acta Paul Enferm**. v.25, n.4, p.1-2, 2012.

SOUSA, G.M; DAMASCENO, K.C.F.; BORGES, L.C.F. Estratificação dos tipos de violência notificados pelo SINAN, no município de Porto Nacional, TO, em 2014. **Revista Interface**, v.11, n.1, p. 34-45, 2016.

SOUSA, L.P. A violência simbólica na escola: contribuições de sociólogos franceses ao fenômeno da violência escolar brasileira. **Revista LABOR**, v.1, n.7, p. 20-34, 2012